

# 1

## Introdução

Nenhuma obra foi mais traduzida do que a Bíblia Sagrada. Suas traduções foram verdadeiros marcos de transição na história da humanidade: do mundo semita para o helênico, deste para o latino, e, depois, para as sociedades modernas com seus respectivos vernáculos.

Cada projeto tradutório das Sagradas Escrituras, desde o primeiro – a *Septuaginta* (séc. III-I a.C.) –, não apenas refletiu, mas também delineou uma época, uma ideologia e objetivos muito específicos. Alguns foram projetos conservadores, outros transgressores, alguns ocuparam uma posição central no pólo receptor e outros, periférica, mas sem dúvida todos eles, antigos e novos, cumpriram, como ainda cumprem, um papel evangelizador, voltados a públicos-alvo específicos, em diferentes épocas, seguindo diferentes abordagens e estratégias tradutórias.

Poderíamos nos perguntar: por que investigar a Bíblia? Haveria certamente inúmeras razões: o fato de ter sido objeto de traduções que representaram e que ainda representam grandes marcos de transição na história da humanidade; o fato de continuar, em pleno século XXI, no topo da lista dos livros mais influentes do mundo (Cavalcante, 2005, p.39); o fato de ter sido formada ao longo de muitos séculos e haver sofrido um constante processo de reescrita; o fato de ter sido, ao longo de sua história, quase sempre lida em forma de tradução (Trebolle Barrera, 1996, p.150), fenômeno este que lhe garantiu “sobrevida”, segundo o conceito de Walter Benjamin (2001)<sup>1</sup>, e possibilitou a disseminação e a solidificação da doutrina cristã até os dias de hoje; o fato de, através de seu formato plurilíngüe cristão, haver se tornado o “maior best-seller de todos os tempos” (Scliar, 2005, p. 10). Enfim, como disse, há muitas razões, muito embora o simples fato de ser a Bíblia o livro mais traduzido do mundo já seria motivo suficiente para investigá-la.

---

<sup>1</sup> O conceito de “sobrevida” do original foi introduzido por Benjamin em 1923, em seu ensaio “Die Aufgabe des Übersetzters”.

## 1.1.

### Objetivos

O presente estudo tem como objetivo geral discutir o papel e o poder da tradução como agente disseminador do texto bíblico e importante componente de um projeto editorial, ideológico, religioso e catequético, que reflete não somente o ideário de sua patronagem, mas, também, as necessidades de seu pólo receptor. O termo *patronagem* refere-se aqui às instituições, aos indivíduos ou aos grupos de indivíduos que detêm o poder de promover, incentivar ou coibir traduções quer por motivos ideológicos, institucionais ou econômicos (Lefevere, 1992). Visando alcançar tal objetivo, serão revistos alguns dos projetos tradutórios mais significativos da história da tradução bíblica, culminando na *Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, da Paulinas Editora, Bíblia que será, na verdade, o principal objeto de estudo desta pesquisa.

Além do objetivo geral citado, este estudo almeja, também, atingir três objetivos específicos. O primeiro deles será buscar compreender a trajetória de *reescrita* – na concepção atribuída ao termo por André Lefevere (1992) – percorrida pela Bíblia, desde suas origens e seu processo formativo até os dias atuais, em que novas traduções bíblicas continuam a ser produzidas. O conceito de *reescrita* pode ser compreendido, em linhas gerais, como todo processo que gera alguma forma de re-interpretação, alteração ou manipulação de um texto original, inclusive por meio de traduções. O segundo objetivo será compreender o processo de mudança de postura da Igreja perante as traduções bíblicas para as línguas modernas: de um posicionamento hermético, isto é, avesso às traduções para as línguas modernas, assumido oficialmente a partir do Concílio de Trento (1545-63), a um posicionamento bem mais aberto, adotado a partir do Concílio Vaticano II (1962-65). Tal mudança de atitude acabou por gerar uma realidade oposta: a atual coexistência de projetos tradutórios bastante diversos, os quais recebem, igualmente, a chancela da Igreja. A partir das mudanças epistemológicas introduzidas pelo ideário pós-estruturalista, o *significado* passou a ser visto hoje como *construído*, e a *tradução*, entendida como uma *transformação* (Derrida, 2001, p.26). Assim, a diversidade de propostas tradutórias existentes, isto é, de *transformações* ou *reescritas* das Sagradas Escrituras, voltadas a públicos-alvo diferentes, certamente acaba por refletir e possibilitar construções de sentido

diferentes. É nessa crença que se baseia o terceiro e, certamente, mais significativo objetivo específico desta pesquisa: buscar, através do estudo de caso da *Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, verificar resultados textuais e construções de sentido diferentes para o mesmo texto bíblico original. Apesar das diferenças textuais, a Igreja atualmente promove e autoriza uma série de projetos tradutórios diversos, o que parece sugerir a crença de que a mensagem do texto bíblico permanece sempre a mesma, isto é, inalterada, em todos eles.

Este estudo procurará, também, responder a três perguntas:

- (1) Em que medida a tradução da Bíblia é determinada pela função que deverá ocupar no pólo receptor?
- (2) Em que medida o projeto tradutório/editorial de uma Bíblia reflete os objetivos ideológicos, institucionais e religiosos de sua patronagem, isto é, da instituição ou autoridade que o promove?
- (3) Em que medida as diferentes traduções da Bíblia acabam por produzir textos finais diferentes e, mesmo, construções de sentido diversas, embora sejam igualmente autorizadas pela Igreja e circulem como sendo a “mesma” obra, ou melhor, a “mesma” Bíblia Sagrada?

O estudo de caso da *Bíblia Sagrada - Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, bem como os temas abordados durante a apresentação de significativos projetos tradutórios anteriores, contribuirão para alcançar os objetivos traçados nesta pesquisa e, conseqüentemente, para responder às perguntas propostas acima.

Lançada em fevereiro de 2005 pela Paulinas – editora católica com a missão de atuar apostolicamente na área de comunicação e realizar uma pastoral bíblica e catequética (v. apêndice A) –, a *Bíblia Sagrada - Nova Tradução na Linguagem de Hoje* é uma tradução em linguagem comum e simplificada, realizada diretamente dos originais hebraico, aramaico e grego. No entanto, é interessante ressaltar que a tradução da Bíblia em questão foi, originalmente, realizada pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) e pelas Sociedades Bíblicas Unidas (SBU) (v. apêndice A), entidades ligadas às denominações protestantes. Dirigida ao público protestante, essa tradução foi publicada pela própria SBB, em 2000, com o mesmo título – *Bíblia Sagrada - Nova Tradução na Linguagem de Hoje* –, sendo

popularmente conhecida como *NTLH*<sup>2</sup> e que, para fins deste estudo, passará a ser aqui denominada *NTLH-SBB*. Assim, o projeto tradutório/editorial da Paulinas Editora apresenta um visível caráter ecumênico, tema que será também abordado neste estudo, quando discutidas as deliberações da Igreja a partir do Concílio Vaticano II (1962-65).

Embora o foco desta pesquisa recaia sobre o projeto tradutório/editorial da *Bíblia Sagrada - Nova Tradução na Linguagem de Hoje* da Paulinas Editora, a qual será doravante referida como *NTLH-Paulinas*, também serão abordados, como já disse, alguns dos projetos tradutórios mais significativos na história da tradução bíblica: a *Septuaginta*, a *Vulgata* (de São Jerônimo) e as primeiras traduções para as línguas modernas (com ênfase na Bíblia de Lutero), bem como traduções com base no conceito de *equivalência dinâmica/funcional* de Eugene Nida. Além disso, será ainda apresentado um breve panorama das traduções atuais, a fim de contextualizar o atual sistema de traduções bíblicas. A partir desses dados, serão obtidos um maior embasamento e uma melhor compreensão das abordagens tradutórias, bem como dos objetivos ideológicos, institucionais e religiosos atuantes nas traduções das Sagradas Escrituras.

Não bastassem os objetivos já apresentados, creio que esta pesquisa se justifica pela simples necessidade de compreendermos como uma obra, vista como sendo única ou a mesma, pôde, ao longo de tanto tempo, acolher propostas e projetos tradutórios/editoriais distintos e ocupar diferentes posições nos sistemas receptores, refletindo objetivos ideológicos, culturais, sociais, religiosos e/ou institucionais específicos.

## 1.2.

### Fundamentação teórica e metodologia

Esta pesquisa tem como fundamentação teórica os *Estudos Descritivos da Tradução (Descriptive Translation Studies - DTS)* e a *teoria dos polissistemas* de Itamar Even-Zohar. As considerações dos descritivistas André Lefevere – cujos conceitos de *patronagem* e *reescrita* serão enfatizados ao longo do trabalho –, Gideon Toury, José Lambert e Hendrick van Gorp, bem como as reflexões da estudiosa Susan Bassnett serão igualmente relevantes.

---

<sup>2</sup> Sigla correntemente utilizada pela SBB.

A teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1990) contribuiu para os DTS com a noção de literatura enquanto “polissistema”, ou seja, um conglomerado hierarquizado e heterogêneo de sistemas dinâmicos que interagem de modo a gerar um processo evolutivo no interior do próprio polissistema (Shuttleworth, 1998/2000, p.176)<sup>3</sup>. O *polissistema literário* de uma literatura nacional é visto como um elemento integrante de um *polissistema sociocultural* mais amplo, que, por sua vez, compreende outros polissistemas, como o religioso, o político, o artístico, etc., exercendo influência uns sobre os outros. Desse modo, a literatura passa a ser vista não apenas como uma coleção de textos, mas como um grupo de fatores que dirigem a produção, difusão e recepção desses textos (p.177). “Como o polissistema literário está ligado a outros sistemas culturais e inserido nas estruturas ideológicas e socioeconômicas da sociedade, ele é dinâmico e instável” (Hermans, 1985, p.11)<sup>4</sup>. Assim, as obras ou os gêneros literários podem sofrer oposições internas e trocar de posição dentro do sistema, isto é, passar de uma posição inovadora a uma conservadora, de uma posição central a uma periférica ou marginal, transitando de camadas canônicas a não-canônicas ou vice-versa, dependendo das forças ideológicas e socioeconômicas atuantes no polissistema. Devido ao dinamismo do polissistema, todas as obras e os gêneros literários costumam lutar para ocupar uma posição central, privilegiada, como se competissem entre si.

Dentro do próprio polissistema literário, podemos encontrar ainda o *sistema de literatura traduzida* (Even-Zohar, 1990). Assim, no polissistema literário, um texto traduzido pode, também, ocupar, no pólo receptor, quer uma posição central, preponderante ou canônica, quer uma posição periférica, marginal ou mesmo transgressora. Segundo Mark Shuttleworth (1998/2000, p.178), a literatura traduzida, como todo tipo de forma literária, possui também o seu próprio polissistema estratificado. Levando tal noção em consideração, poder-se-ia, em princípio, pensar a tradução bíblica dentro de um polissistema de textos traduzidos, que tanto hoje quanto ao longo da história, nas mais diversas culturas, ocupa e ocupou diferentes posições, ora centrais – como as traduções oficiais, por

---

<sup>3</sup> Acerca da teoria dos polissistemas e da abordagem descritivista, ver: MARTINS, 1999; CARVALHO, 2005; e, ainda, GOMES, M. L. D. *Identidades refletidas: um estudo sobre a imagem da literatura brasileira construída por tradução*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (inédita), 2005.

exemplo – ora periféricas – como as traduções proibidas pela Igreja, na época da Reforma. No entanto, segundo Lynne Long (2005, p.5), o texto sagrado em si mesmo já é vocacionado a ocupar o centro, devido ao caráter divino que lhe é atribuído. Desse modo, mesmo quando traduzido, ele costuma situar-se no centro do polissistema, especialmente quando uma tradução adquire *status* de original ou de tradução oficial. A Bíblia traduzida para diversos idiomas é inicialmente literatura traduzida, “mas gradualmente passa a ocupar seu lugar no polissistema literário da cultura [em questão], como se fosse literatura nacional” (Long, 2006a)<sup>5</sup>.

É importante ressaltar que a abordagem dos DTS não é normativa, na medida em que não se propõe a fornecer diretrizes para a produção de traduções ou a emitir julgamentos de valor acerca da tradução a ser descrita. O objetivo do estudo descritivista recai, na verdade, sobre o texto-meta e sua recepção, buscando

[...] não só explicar as estratégias textuais que determinam a forma final de uma tradução e o modo como esta funciona na literatura receptora, mas também entender as razões – de naturezas diversas – que levaram o tradutor a certas decisões e estratégias (Martins, 1993, p.3).

Além disso, o paradigma dos DTS chama a atenção “para as condições sociohistóricas que permeiam a atividade do tradutor, oferecendo, assim, uma idéia mais clara dos mecanismos que permitem às traduções funcionarem (ou não) na esfera sociocultural de recepção” (Ibidem).

Nesta pesquisa, portanto, não será julgada a qualidade da tradução ou do projeto tradutório/editorial da *NTLH-Paulinas*. Minha proposta é descrever esse projeto tradutório/editorial, a partir do esquema sintético de descrição de traduções de Lambert e van Gorp (1985), desenvolvido com base nas teorias de Even-Zohar e Toury (Carvalho, 2005, p.56), a fim de compreendermos sua função no polissistema receptor e os objetivos ideológicos, institucionais e religiosos de sua patronagem. Ao situar o projeto no polissistema receptor, será possível obter,

<sup>4</sup> Salvo observação em contrário, são minhas todas as traduções de citações de obras que apareçam em língua estrangeira nas referências bibliográficas.

<sup>5</sup> Salvo observação em contrário, são minhas todas as traduções de citações em língua estrangeira extraídas de mensagens pessoais enviadas por correio eletrônico, incluídas nas referências bibliográficas.

também, uma visão panorâmica das diferentes Bíblias existentes e igualmente autorizadas pela Igreja hoje.

Antes de realizar o estudo de caso da *NLH-Paulinas*, buscarei, como estratégia metodológica, reconstituir a trajetória da Bíblia Sagrada desde a sua formação e lançar as bases para uma melhor compreensão dos objetivos que permeiam e permearam os projetos tradutórios/editoriais das Sagradas Escrituras ao longo da história. Para este propósito, focalizarei, nos primeiros capítulos deste estudo, certos aspectos apontados abaixo pelo estudioso Lawrence Venuti (1992) acerca do estudo de traduções:

Since cultural practices are always already social in their significance and functioning, shared by specific social groups, inscribed with ideologies that serve the competing interests of those groups, housed in institutions that constitute centers of power in any social formation, *the analysis of translation can also include its ideological and institutional determinations, resulting in detailed studies that situate the translated text in its social historical circumstances and consider its cultural political role.* This would involve examining [...] *which discursive strategies are used to translate them, which [...] strategies and translations are canonized or marginalized, and which social groups are served by them.* (p.11, grifos meus)<sup>6</sup>

Nos capítulos 2, 3 e 4, levarei em conta alguns desses aspectos, ao discutir as questões ideológicas e institucionais envolvidas nas traduções de textos sagrados e bíblicos. Vários conceitos essenciais serão utilizados, como *reescrita* (Lefevere, 1992), *patronagem*, (Ibidem), *sobrevida do original* (Benjamin, 2001) e *texto sensível* (Simms, 1997)<sup>7</sup>. Além disso, serão abordados aspectos como: o processo de formação da Bíblia, seus originais e seus cânones; particularidades da tradução dos textos sagrados e bíblicos; abordagens e estratégias utilizadas na tradução bíblica, com ênfase nos conceitos de *equivalência dinâmica/funcional*; e, por fim, os projetos tradutórios/editoriais mais significativos ao longo da história, bem como a sua recepção, juntamente com um panorama das Bíblias atuais.

Para melhor contextualizar as abordagens tradutórias utilizadas na tradução bíblica, optei por não discuti-las aqui, onde apresento a fundamentação teórica da

<sup>6</sup> Assim como esta, todas as demais citações longas em língua estrangeira, com recuo e destacadas do texto principal, não se encontram traduzidas, permanecendo, assim, em seu idioma de origem.

<sup>7</sup> Conforme será visto em 2.3, um texto sagrado é considerado sensível. O conceito de Simms será apresentado neste estudo segundo Gohn (2001). Para maiores detalhes ver: SIMMS, K. *Translating sensitive texts: linguistic aspects*. Amsterdam, Atlanta: Rodopi, 1997.

pesquisa, mas, sim, na seção 3.5, dedicada à tradução bíblica, bem como no capítulo 4, em que apresento os já citados grandes projetos tradutórios. Entre as abordagens que discutirei mais adiante, destacam-se aquelas voltadas para a *equivalência dinâmica/funcional*, proposta por Nida (1964 e 1986), conceito que se opõe à *equivalência formal*, e as tradicionais abordagens tradutórias *palavra-por-palavra* e *sentido-por-sentido*, discutidas por Cícero (106-43 a.C.) e retomadas por São Jerônimo (cerca de 340-420 d.C.) e Martinho Lutero (1483-1546) em suas traduções das Sagradas Escrituras.

Em síntese, os capítulos 2, 3 e 4 deverão propiciar uma melhor compreensão das variáveis presentes no projeto tradutório/editorial da *NTLH-Paulinas*, o qual será detalhadamente descrito a partir do capítulo 5, com base no esquema de descrição de traduções proposto por Lambert e Van Gorp (1985). Esse esquema mostra-se bastante instrumental para a realização de um estudo descritivo das traduções literárias por meio de uma *abordagem funcional e sistêmica* (Carvalho, 2005, p.56, grifos meus), que interage com a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990). Segundo Martins (1997, p.119), o paradigma proposto pelos DTS tenta “[...] explicar as estratégias textuais que determinam a forma final de uma tradução e o modo como esta funciona [no sistema da] literatura receptora”.

Ao mencionar o uso de uma abordagem *funcional*, como sugere Carvalho (2005) acima, faz-se importante ressaltar aqui os diferentes conceitos de *função* a serem abordados neste estudo. O conceito de *função*, para os DTS, por exemplo, é distinto daquele adotado pela *Skopostheorie*<sup>8</sup>, de Katarina Reiss e Hans Vermeer<sup>9</sup>, ou do conceito de *equivalência funcional*, apresentado, em 1986, por Jan de Waard e Eugene Nida<sup>10</sup>, como uma sucessão do conceito de *equivalência dinâmica* formulado por Nida, em 1964.

O conceito de *função*, para os DTS, está relacionado à posição que uma dada tradução ocupa no polissistema receptor. Segundo Toury (1995, p.12), a realização lingüístico-textual de uma tradução será determinada por sua função potencial nesse sistema. Há, portanto, uma distinção entre (i) a *abordagem*

<sup>8</sup> Para a *Skopostheorie*, é a função a ser exercida por uma tradução na língua-meta que determinará o estilo e o formato do texto-meta. Assim, o tradutor deverá utilizar as estratégias tradutórias mais apropriadas para alcançar tal função, sejam elas usuais ou não. O texto-fonte deverá ser traduzido de forma que a respectiva tradução funcione na situação prevista e junto ao público-alvo previsto.

<sup>9</sup> Ver: REISS, K. & VERMEER, H. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer, 1984.

*funcional* dos DTS, em que leva em conta a posição ou a função do texto traduzido no polissistema-alvo, (ii) a *abordagem funcionalista* segundo a visão oferecida pela *Skopostheorie*, em que *função* assume um sentido de “finalidade” ou “propósito”, a ser abordada no capítulo 6, e (iii) o conceito de *equivalência funcional*, proposto por De Waard e Nida, que enfocarei capítulos 4, 5 e 6 deste estudo.

O modelo metodológico de Lambert e van Gorp engloba a descrição de *dados preliminares* de uma obra traduzida, bem como de seus *níveis macro- e microestruturais* e de seu *contexto sistêmico*, onde cada etapa descrita colabora para uma melhor compreensão da etapa seguinte, bem como para a obtenção de uma visão global acerca da obra (Lambert & van Gorp 1985, p.52-53). Segundo os autores, esse esquema “compreende todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma dada atividade tradutória em seu contexto histórico, incluindo o processo de tradução, suas características textuais, sua recepção e, mesmo, aspectos sociológicos como distribuição e crítica” (Ibid, p.45). O modelo é amplo ao prever a descrição de obras literárias de diversos gêneros. No caso da Bíblia Sagrada, buscarei, logicamente, adaptá-lo às características e especificidades da obra, um texto sagrado.

É importante esclarecer que os dados preliminares a serem descritos neste trabalho serão organizados de modo diverso daquele sugerido pelo esquema original de Lambert e van Gorp, que engloba os seguintes pontos: o título e a página do título; os metatextos sobre a obra, localizados quer na obra (na página do título, no prefácio, nas notas de rodapé e no texto em si) quer fora dela; e a estratégia geral utilizada. Neste estudo, optei, na verdade, por restringir a descrição dos dados preliminares a dois conceitos: o de *paratexto* e o de *metatexto*. O conceito de *paratexto* remete-nos diretamente a Gerard Genette (1997), para quem

o texto literário geralmente vem acompanhado e reforçado por alguns elementos [ou paratextos], que podem ser verbais ou não, tais como um prefácio e/ou ilustrações. Esses elementos podem até não ser vistos como pertencendo ao texto, mas é fato que o circundam e ampliam precisamente com o objetivo de “apresentá-lo” [...]. É o paratexto que permite ao texto tornar-se livro e ser oferecido como tal ao público leitor, [...] funciona como uma espécie de preparação e guia de leitura,

<sup>10</sup> Ver: DE WAARD, J. & NIDA, E. *From one language to another: functional equivalence in Bible translating*. Nashville: Nelson, 1986.

chamando a atenção do público para aspectos que o autor, a editora ou o tradutor achem relevantes. (Martins, 1999, p.193)

Genette (1997, p. 4-5) prevê, inclusive, dois tipos de *paratextos*: aqueles inseridos na obra (*peritexto*) e aqueles existentes fora da obra (*epitexto*), isto é, transmitidos através da mídia (entrevistas, palestras, etc.) ou de meios particulares (diários, correspondência, etc.).

Como podemos notar, a ampla visão de *paratexto* oferecida por Genette (1997), apresenta pontos em comum com a terminologia de *metatexto* adotada por Lambert e van Gorp (1985) em seu esquema descritivo. A fim de evitar um conflito de nomenclaturas e conceitos e de facilitar a análise deste estudo, optei por utilizar a nomenclatura adotada por Martins (1999, p.192-193) em sua análise descritiva de traduções brasileiras de *Hamlet*, na qual considera *paratextos* todos os elementos que integram uma publicação – título, folha de rosto, orelhas, prefácio(s), títulos de capítulos, notas de rodapé, etc. – e *metatextos*, todo o tipo de discurso sobre a obra situado fora dela – comentários e resenhas feitos por críticos, tradutores e outros agentes em jornais, revistas, por exemplo. Segundo a teoria dos polissistemas, que insere as obras traduzidas no contexto sociocultural do sistema receptor, a análise de metatextos e paratextos é importante, pois “tais elementos podem revelar as concepções vigentes sobre o que é uma ‘boa’ tradução ou sobre as normas tradutórias que estão operando numa dada literatura num dado momento” (Ibidem, p.194). Além disso, para Toury, os paratextos e metatextos também revelam informações sobre as normas de tradução (Ibid, p. 58).

Cabe mencionar aqui que o conceito de *normas de tradução*, introduzido por Gideon Toury nos Estudos Descritivos, será, também, abordado nesta pesquisa, ainda que de modo breve. Toury (1995, p.54-55)<sup>11</sup>, com base em fundamentos da sociologia, define *norma* como a expressão de valores gerais e de idéias compartilhados por uma comunidade específica a respeito do que é certo ou errado, adequado ou inadequado. Toury refere-se, na verdade, a um conjunto de coerções comportamentais internalizadas que englobam valores compartilhados por uma comunidade e orientam as decisões tradutórias. Segundo Hermans (1995, p.216), são as normas que permitem estudar a tradução como um fenômeno

histórico e cultural. Por serem sociohistóricas, as normas não são absolutas ou fixas, podendo variar conforme a época, a cultura e, portanto, o polissistema. “Com base em certas características de uma tradução [...] [,] inseridas em uma cultura específica e em uma época específica, é possível sugerir que as normas determinam as características dessas traduções ou as decisões desses tradutores” (Chesterman, 1998, p.91).

Presentes durante o processo tradutório, as normas, segundo Toury (1995, p.56-59), podem ser *preliminares*, *iniciais* ou *operacionais*<sup>12</sup>: as *preliminares* aplicam-se à escolha do texto a ser traduzido e às estratégias gerais utilizadas, que permitem a sua inserção no polissistema-alvo, decisão que, muitas vezes, escapa à ação do tradutor e que está ligada ao gênero do texto ou a determinações da patronagem; as *iniciais* referem-se a decisões que estão mais ao alcance do tradutor, isto é, adotar quer as normas e relações textuais do polissistema-fonte (que tornam a tradução *adequada*), quer as normas textuais do polissistema-meta (que tornam a tradução *aceitável*); e as *operacionais* estão ligadas às decisões tradutórias propriamente ditas, podendo ser *matriciais* – que determinam acréscimos, omissões e alterações – ou *textuais* – que determinam opções lingüísticas e estilísticas (Ibidem, p.58-59).

Retornando à metodologia utilizada no estudo de caso da *NTLH-Paulinas*, procurarei descrever e explicar a obra em questão, com a finalidade de obter uma visão das forças atuantes no processo tradutório/editorial da mesma, bem como de suas características textuais, sua recepção, entre outros aspectos, com base, como já dito, em uma adaptação do modelo de Lambert e van Gorp. O modelo descreverá, portanto, a obra da seguinte forma:

- (i) seus dados preliminares: seus paratextos – capa, título, lombada, folha de rosto, apresentação, índice, prefácio, notas, adendos à publicação – e metatextos – informativos, divulgações, comentários, resenhas e críticas;
- (ii) sua macroestrutura: suas partes ou livros, introduções, títulos internos, organização e diagramação, incluindo impressão e tipos;

---

<sup>11</sup> Ver também: TOURY, G. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

<sup>12</sup> Ver também: MARTINS, 1999, p. 57-58.

- (iii) sua microestrutura: o texto traduzido propriamente dito, as estratégias tradutórias, as opções léxico-semânticas, micro-sintáticas, estilísticas e de registro;
- (iv) seu contexto sistêmico: a integração entre a macro- e a microestrutura, as relações intertextuais gerais com outras traduções bíblicas, a posição ocupada por essa edição no polissistema brasileiro e a sua recepção.

De modo a obter uma melhor compreensão do contexto sistêmico dessa Bíblia, utilizarei, para fins de confrontação, a *Bíblia de Jerusalém* (da editora católica Paulus), a qual circula no pólo receptor brasileiro desde 1981, estando já na 3ª impressão (2004) de sua nova edição, revista e ampliada, publicada originalmente em 2002. Sua tradução em língua portuguesa é uma adaptação do projeto tradutório/editorial *La Bible de Jérusalem*, produzido pela École Biblique de Jérusalem<sup>13</sup>. A versão em português foi realizada diretamente dos originais hebraico, aramaico e grego, à exceção de suas introduções e notas, que foram traduzidas da versão original em língua francesa. A *Bíblia de Jerusalém* é considerada bastante fiel aos originais e uma tradução de reconhecida qualidade. Segundo sua editora, trata-se da “melhor edição de estudo da Sagrada Escritura”<sup>14</sup>. Mesmo entre as denominações protestantes, reconhece-se que ela “oferece uma das melhores traduções do texto bíblico para o português”<sup>15</sup>.

É importante ressaltar que, neste estudo, não estarei comparando, tradução e original, mas, sim, projetos tradutórios distintos. Minha intenção é analisar o produto final da *NTLH-Paulinas* em meio a seu contexto sistêmico. O esquema de Lambert e van Gorp (1985) prevê, na descrição do contexto sistêmico de uma obra traduzida, o seu confronto com outras traduções; no caso deste estudo, a *NTLH-Paulinas* será confrontada, portanto, com a *Bíblia de Jerusalém*.

A escolha da *Bíblia de Jerusalém* como obra de confronto não se deu apenas pela qualidade reconhecida de sua tradução, mas, em especial, por essa Bíblia oferecer, a partir, basicamente, dos mesmos originais, como será mostrado

<sup>13</sup> Fundada, em 1890, pelo Padre Marie-Joseph Lagrange (1855-1938), no convento dominicano de St-Étienne, em Jerusalém. A École Biblique é considerada o mais antigo centro de pesquisa bíblica e arqueológica da Terra Santa.

<sup>14</sup> Disponível em: Portal Paulus, Livraria Virtual <<http://www.paulus.com.br/lojavirtual/secoes/detalhamento.phd>>. Acesso em: 29 out. 2006.

<sup>15</sup> Disponível em Portal Editora Cedro, Livraria Metodista <<http://www.editoracedro.com.br/carrinho/teologico.html>>. Acesso em: 05 nov. 2006.

mais adiante neste estudo, uma proposta tradutória/editorial bem diversa daquela oferecida pela *NTLH-Paulinas*. Aliás, a diversidade entre essas duas Bíblias já decorre do simples fato de a *Bíblia de Jerusalém*, doravante aqui referida como *BJ*, ser considerada uma bíblia de estudo (Rogerson, 2003, p.38), com linguagem erudita e distanciada (Rogerson, 2003, p.38; Konings, 2003, p.229).

Cabe mencionar, ainda, que a *Bíblia Ave-Maria* (da editora católica Ave-Maria) será, também, utilizada nesta pesquisa em duas circunstâncias: a primeira, nas citações bíblicas gerais, presentes ao longo do estudo, que não estejam relacionadas estritamente à análise descritiva realizada no capítulo 5; a segunda, quando, no próprio capítulo 5, for necessário esclarecer alguma dúvida ou apresentar uma alternativa tradutória para os exemplos de confronto extraídos da *BJ*, durante a descrição microestrutural da *NTLH-Paulinas*. A escolha da *Bíblia Sagrada Ave-Maria*, a ser referida doravante como *AM*, deu-se devido à sua ampla aceitação junto ao pólo receptor católico, desde o seu lançamento no Brasil em 1959, ocupando, assim, o centro do polissistema como a tradução “mais [conhecida] e popular entre os católicos no Brasil”<sup>16</sup>. A *AM*, diferentemente da *NTLH-Paulinas* e da *BJ*, é uma tradução indireta, isto é, do francês para o português, realizada a partir da Bíblia dos Monges beneditinos da Abadia de Maredsous, na Bélgica, a qual foi traduzida diretamente dos originais hebraico, aramaico e grego para o francês. Na ocasião do lançamento da edição em francês, em 1957, portanto há 50 anos, foi “considerada uma das melhores traduções do mundo”<sup>17</sup>. Nesta pesquisa, será utilizada a 141ª edição da *AM* (2001).

No estudo de caso a ser apresentado, diferentemente do que sugere o esquema original de Lambert e van Gorp (1985), a *NTLH-Paulinas* será confrontada com outra tradução em várias fases do processo descritivo. O esquema prevê que a obra estudada seja confrontada com outras obras apenas ao final da análise, quando abordado o seu contexto sistêmico, isto é, quando analisadas as relações intertextuais com outras traduções, a sua recepção e a sua posição no polissistema. No entanto, nesta pesquisa, alusões à *BJ* surgirão, também, vez por outra, durante as etapas precedentes, a fim de obtermos uma

---

<sup>16</sup> Segundo dados obtidos no Portal Wikipedia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Bíblia\\_da\\_Ave\\_Maria](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bíblia_da_Ave_Maria)>. Acesso em: 04 nov. 2006.

<sup>17</sup> Idem.

visão mais clara das características da *NTLH-Paulinas* frente a um outro projeto tradutório/editorial plenamente aceito.

Este estudo incorpora ainda a contribuição de outros teóricos da tradução, como Peter Newmark, Antoine Berman, John Milton e o já citado Lawrence Venuti, bem como de estudiosos especializados na tradução de textos sagrados, como Eugene Nida, Lynne Long, Carlos Alberto Gohn, entre outros. A contribuição de Jacques Derrida na discussão de conceitos como *original* e *tradução* e no tratamento da visão pós-estruturalista de tradução, que hoje norteia os Estudos da Tradução, também se faz presente nesta pesquisa. Já o apoio teológico para este estudo encontra-se fundamentado, especialmente, nas considerações de Johan Konings, Julio Trebolle Barrera e outros estudiosos da área. Quanto à história da tradução – tão necessária ao tratamento da trajetória histórica da Bíblia na cultura ocidental, uma vez que esta se confunde com a própria história da tradução –, contarei com o apoio não só dos estudos historiográficos de pesquisadores como os já mencionados André Lefevere, Susan Bassnett e Lawrence Venuti, mas, também, de obras de referência como a *Encyclopedia of Translation Studies*, organizada por Mona Baker (1998/2000), e *Os tradutores na história*, organizada por Jean Delisle e Judith Woodsworth (1998).

### 1.3.

#### **Estrutura da pesquisa**

Este estudo apresentará inicialmente, no capítulo 2, uma visão genérica sobre a Bíblia, a nomenclatura utilizada para as conhecidas formas do livro sagrado e a diferença entre as Bíblias católica e protestante. Será ainda abordada a histórica ligação entre Bíblia e tradução, além de apresentadas algumas considerações gerais sobre tradução e, mais especificamente, sobre a tradução de textos sagrados. Com o tratamento desse tema, será introduzido o conceito de *texto sensível* (Simms, 1997, *apud* Gohn, 2001) e serão focalizados já alguns aspectos envolvendo a tradução bíblica propriamente dita.

No capítulo 3, serão discutidos vários aspectos da Bíblia em relação à dicotomia *original-tradução*. Inicialmente, serão apresentadas as origens do texto bíblico, a sua “autoria coletiva”, as noções de autoria, cópia e original na

Antigüidade, bem como a concepção pós-estruturalista de autoria e original. Em seguida, abordarei a história dos originais bíblicos, a formação dos cânones, bem como os textos oficiais para traduções e suas edições críticas. O conceito de *reescrita*, introduzido por Lefevere (1992), aparecerá ainda em destaque nesse capítulo, tanto na história da formação dos originais bíblicos quanto na história de suas traduções. Outro conceito de Lefevere a ser discutido será o de *patronagem* (1992), conceito fundamental para o tratamento de questões formuladas neste estudo, focalizando as mudanças de postura por parte da Igreja em relação às traduções bíblicas ao longo da história. O tema “tradução bíblica” receberá, no capítulo em questão, um tratamento exclusivo, em que serão discutidas diferentes abordagens tradutórias, a questão da fidelidade na tradução das Sagradas Escrituras e outras questões relevantes. Serão ainda abordados o conceito de *sobrevida do original*, proposto por Walter Benjamin (2001), e as motivações para as traduções bíblicas.

No capítulo 4, serão apresentados um breve histórico e as características das principais traduções bíblicas ao longo do tempo, os objetivos de seus projetos tradutórios, bem como as abordagens tradutórias utilizadas. Serão, também, focalizadas traduções bíblicas católicas atuais, a fim de fornecer uma visão global das traduções existentes. Será traçado ainda um paralelo entre os objetivos tradutórios de São Jerônimo, Martinho Lutero e Eugene Nida, o que propiciará uma melhor reflexão a respeito das discussões envolvendo as abordagens tradutórias antagônicas existentes até hoje – *palavra-por-palavra* e *sentido-por-sentido* – que, a partir de Nida, passam a ser entendidas como *equivalência formal* e *equivalência dinâmica/funcional*. Tal reflexão será essencial para a compreensão da abordagem e estratégias utilizadas na *NTLH*<sup>18</sup>.

O capítulo 5 apresentará o estudo de caso da *NTLH-Paulinas*, onde serão analisados os seus paratextos e metatextos, bem como descritos os seus níveis macro- e microestruturais e o seu contexto sistêmico. Juntamente com o contexto sistêmico, será analisada, também, a sua recepção com base em entrevistas realizadas com coordenadores de Círculos Bíblicos de seis paróquias selecionadas

---

<sup>18</sup> *NTLH* refere-se aqui ao texto-meta propriamente dito. Ao longo deste estudo, optei por utilizar a sigla *NTLH* sempre que focalizar a tradução em si, sem mencionar o nome de uma ou outra editora (SBB ou Paulinas).

nos Vicariatos norte e sul da cidade do Rio de Janeiro. O seu posicionamento frente à *BJ*, à *AM* e a outras bíblias atuais será observado.

No capítulo 6, finalmente, tratarei especificamente da discussão informada pela pergunta (3), apresentada previamente em 1.1 (Objetivos), onde questiono o fato de a Igreja conceder sua chancela a traduções bíblicas muito diferentes, que revelam, por vezes, diferenças de sentido, não bastassem, logicamente, as diferenças formais, lexicais e discursivas. A Bíblia é vista sempre como a “mesma” obra, mesmo apresentando textos finais, por vezes, bastante diversos.

Por meio de conceitos/questões apresentados nos capítulos 2 e 3, de abordagens/projetos tradutórios analisados na seção 3.5 e no capítulo 4, da descrição do projeto tradutório/editorial da *NTH-Paulinas* no capítulo 5, e da reflexão acerca das diferentes traduções bíblicas autorizadas pela Igreja no capítulo 6, buscarei tanto responder às perguntas lançadas no capítulo 1 quanto atingir os objetivos nele traçados. Buscarei, por fim, compreender mais claramente o papel e o poder da tradução enquanto elemento integrante de um projeto editorial, ideológico, religioso e catequético, observando, também, a incongruência epistemológica de se acreditar que textos decorrentes de projetos tradutórios e editoriais tão distintos possam garantir a preservação do sentido original da Bíblia, livro sagrado que se crê revelar a palavra de Deus.